

Notas psicanalíticas sobre a velhice: um comentário da obra de Jorge Luis Borges

Psychoanalytic notes on old age: a commentary on the work of Jorge Luis Borges

*Fabiano Chagas Rabêlo**
*Felipe Silva Sousa***
*Reginaldo Rodrigues Dias****
*Samanta Basso*****

Resumo

O presente ensaio aborda o tema da velhice a partir do comentário dos textos de Jorge Luis Borges. Adota-se uma orientação psicanalítica, valendo-se de conceitos tais como o efêmero, o inquietante, o luto, a memória e a fantasia, além da contribuição de gerontólogos, teóricos da literatura e biógrafos de Borges. O artigo divide-se em dois tópicos: 1) alteridade e identidade; 2) as transformações do corpo e a inventividade do esquecimento. Toma-se como paradigma e ponto de partida o comentário do conto *O outro*, em que Borges narra na velhice um encontro com ele mesmo aos 20 anos de idade, em um sonho. A partir daí, são estabelecidas reflexões críticas sobre a produção de saúde na velhice na atualidade.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges. Psicanálise. Velhice. Memória. Efêmero.

Abstract

*This essay addresses the topic of old age based on a commentary on Jorge Luis Borges' texts. A psychoanalytic orientation is adopted, using concepts such as the ephemeral, the uncanny, mourning, memory and fantasy, in addition to the contribution of gerontologists, literary theorists and biographers of Borges. The article is divided into two topics: 1) alterity and identity; 2) Body transformations and the inventiveness of forgetting. The commentary on the short story *The Other* is taken as a paradigm and starting point, in which Borges narrates in his old age an encounter with*

* Professor Associado da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Fortaleza, CE, Brasil. fabrabelo@gmail.com

** Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba, PI, Brasil. philip10sousa67@gmail.com

*** Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Parnaíba, PI, Brasil. regidias@ufpi.edu.br

**** Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Natal, RN, Brasil. samanta.basso@gmail.com

himself at the age of 20, in a dream. From there, critical reflections on the production of health in old age today are established.

Keywords: *Jorge Luis Borges. Psychoanalysis. Old age. Memory. Ephemeral.*

A velhice (tal é o nome que os outros lhe dão)
pode ser o tempo da nossa felicidade.
O animal está morto ou quase.
Restam o homem e sua alma.
(BORGES, 1969/1971, p. 61)

O artigo propõe investigar a velhice, tomando como *corpus* de análise os textos do escritor argentino Jorge Luis Borges. Defende-se que, com o aumento da expectativa de vida, a velhice tem se tornado um tema cada vez mais relevante na contemporaneidade, sobretudo quando se discute a promoção da saúde e da qualidade de vida no âmbito das políticas públicas. Destaca-se, contudo, a permanência de muitos estigmas e preconceitos referidos a essa fase da vida, como, por exemplo, as ideias de inutilidade, decadência e perda da memória que lhes são associadas (ANDRADE, 2011). Por isso, uma reflexão a respeito do envelhecimento é de grande importância, haja vista que, no contexto da sociedade do consumo imediato e do culto ao belo e à juventude, os idosos tendem a ser subvalorizados e colocados em situação de exclusão e ostracismo (FIN; PORTELLA; SCORTEGAGNA, 2017).

Partindo dessa perspectiva, escolheu-se como material de análise a obra de um autor que problematiza de forma pungente e delicada a velhice e outros assuntos que lhe são correlatos, sublinhando as suas potencialidades, transformações e idiossincrasias.

Jorge Luis Borges, nasceu em 1899, em Buenos Aires, e faleceu em 1986, em Genebra. Na sua carreira literária, tornou-se conhecido por obras como *Ficções* (BORGES, 1944/2007), *O Aleph* (BORGES, 1949/2008) e *O livro de areia* (BORGES, 1975/2009). Apesar de reiteradamente lembrado para o Nobel de literatura, nunca chegou a ser contemplado pela academia sueca. Todavia, foi agraciado com o prêmio Cervantes, a maior condecoração literária no idioma espanhol. Trata-se de um autor universal, cosmopolita, profundo conhecedor da literatura em língua inglesa, francesa e alemã, além, é claro, da espanhola. Sua vida foi dedicada aos livros. Além de escritor, exerceu os ofícios de editor, bibliotecário e crítico literário (WILLIAMSON, 2011; WOODALL, 1999).

A marca principal de sua escrita é a intertextualidade. Daí que, em suas crônicas, contos, ensaios e poemas o autor estabelece o diálogo com diferentes escritores da tradição literária mundial de épocas distintas (MONEGAL, 1980). Fundamentado nesse artifício, Borges aborda diferentes temas tais como a filosofia, a metafísica, a lógica, o tempo, o espaço, o infinito, os sonhos, a realidade e a fantasia. Não menos importante, cabe ainda indicar: a cegueira,

as mudanças políticas e culturais, o envelhecimento, a memória, o esquecimento e o trabalho de luto. Esse último grupo de assuntos é o objeto da investigação deste artigo (MONEGAL, 1980; SCHWARTZ, 2017).

De modo geral, é possível antecipar que o envelhecer, para o autor, constitui um processo criativo, que exige mudanças amplas e significativas – corporais e físicas, mas também de valores e vínculos sociais e afetivos – que se fazem necessárias como condição de produção de saúde. Todas essas transformações demandam, por sua vez, adaptações psíquicas, que as fundamentam e as apoiam (BORGES, 1970/2009).

Ávila, Guerra e Meneses (2007) conceituam o envelhecimento como um processo que engloba simultaneamente aspectos orgânicos, psicológicos e sociais. Assim, ao envelhecer, o indivíduo é confrontado com dilemas e questões cruciais para a promoção e manutenção da qualidade de vida tais como a adaptação a situações de doença e perdas que exigem um trabalho psíquico muitas vezes de radical rearranjo à nova condição.

Mucida (2007), a partir do referencial psicanalítico, defende que o Inconsciente continua a trabalhar mesmo na velhice, inclusive nas idades mais avançadas. Daí a tese da autora, na qual este artigo se apoia, e busca desenvolver à luz da obra de Borges: “Só existe um sujeito, o sujeito do inconsciente, e este não envelhece” (p. 18).

Deve-se ponderar que a noção de sujeito em Psicanálise não se confunde com as ideias de indivíduo, Eu ou identidade. Isto é, o Sujeito é o efeito efêmero e evanescente do real e do significante, que não se deixa apreender ou exaurir pelas identificações decantadas no decorrer da vida ou pelas representações sociais que lhe são atribuídas.

Do exposto, o objeto desta investigação é cotejar e discutir à luz da Psicanálise as considerações contidas na obra de Borges acerca do envelhecimento e de temas que lhe são correlatos, como já indicado: a cegueira (como paradigma das mudanças corporais), a memória, o esquecimento, o luto, o estranhamento e a efemeridade da existência. Toma-se como paradigma o comentário do conto *O outro* (BORGES, 1975/2009) para daí explorar algumas transformações e mudanças que ocorrem ao longo da vida, mas que se exacerbam de modo especial na velhice e que condicionam determinados desafios e tarefas nessa fase da vida. Daí a potência do texto de Borges que entrelaça comentários de autores consagrados da literatura mundial às suas vivências pessoais para daí produzir reflexões potentes sobre questões cruciais à existência humana, sobretudo quando se leva em consideração o tema da velhice (WILLIAMSON, 2011; WOODALL, 1999).

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter ensaístico, que analisa e comenta os textos de Borges que trazem aportes importantes ao debate sobre a velhice, tomando como referencial teórico a Psicanálise. Além das referências a textos de psicanalistas, esta pesquisa se apoia na contribuição de críticos literários, biógrafos de Borges e especialistas na área da gerontologia.

No primeiro tópico, comenta-se o conto *O outro* (BORGES, 1975/2009) a partir de conceitos psicanalíticos como o Sujeito do inconsciente (MUCIDA, 2007, 2009), o estranho inquietante e o transitório/efêmero (FREUD, 1916/1997, 1919/1997), ressaltando-se a sua relação com a velhice. No segundo, é abordado o tema da cegueira como paradigma das mudanças corporais, valendo-se para tanto dos apontamentos freudianos contidos em *Luto e melancolia* (FREUD, 1917/1997). Na mesma seção, são discutidas a abordagem borgeana das vicissitudes da memória e da rememoração a partir do resgate das características e do funcionamento do modelo de aparelho psíquico das primeira e segunda tópicas freudianas (FREUD, 1895/1962, 1896/1962, 1900/1997, 1923/1997, 1925/1997).

Alteridade, Identidade e Subjetividade

No conto *O outro*, Borges (1975/2009) cria uma narrativa fantástica, na qual descreve o encontro com ele mesmo cinco décadas mais jovem. Esse encontro paradoxal entre os dois Borges, em lugares e épocas diferentes, acontece em um sonho. Esse mesmo recurso ficcional se repete anos depois, no conto *25 de agosto 1983* (BORGES, 1982/2017), em idades e circunstâncias distintas.

Entende-se que, a partir desse tema literário recorrente na obra de Borges, tomado aqui como um paradigma ficcional, é possível tecer uma discussão atual e relevante em torno do estatuto da velhice na atualidade a partir da Psicanálise. No conto, percebe-se um sentimento de inquietação por parte do protagonista jovem ao se deparar com sua versão de si mais velha: “O estranho é que nos parecemos, mas o senhor é muito mais velho, com a cabeça cinza.” (BORGES, 1975/2009, p. 9). Esse trecho retrata bem o sentimento de estranheza e inquietação (*Das Unheimliche*) (FREUD, 1919/1997) promovido por essa primeira impressão, notadamente: a aparência física transformada pela passagem do tempo e a permanência de traços e características comuns.

O encontro provoca no jovem o confronto com uma realidade até então adormecida. Percebe-se daí que se acirra a percepção da efemeridade da própria existência e das coisas do mundo, o que desencadeia assombro e angústia, mas também uma orientação estética, na condição de uma potência de fruição

da vida, de seus prazeres e das lembranças que se depositaram das vivências do passado (FREUD, 1916/1997).

No texto sobre o efêmero (*Die Vergänglichkeit*), endereçando-se ao poeta alemão e amigo Rainer Maria Rilke, Freud (1916/1997) reflete como a vida humana e as coisas ao nosso redor são transitórias e como constantemente ela exige a elaboração de perdas e transformações, muitas delas imprevisíveis e traumáticas.

A partir desses apontamentos freudianos, constata-se que no conto *O Outro* são elencados e discutidos acontecimentos pungentes da vida de Borges, tais como a morte do pai e a da avó, guerras, mudanças políticas, leituras prediletas, as vicissitudes da memória e a cegueira. Assim, no texto, Borges septuagenário sentencia: “O homem de ontem não é o homem de hoje” (BORGES, 1975/2009, p. 11).

Percebe-se que o autor representa as mudanças trazidas com o envelhecimento por meio da cena do encontro paradoxal de dois Borges, que simultaneamente são o mesmo e dois tão diferentes (RABÊLO, 2011). A referência ao filósofo grego pré-socrático Heráclito – “ninguém vai duas vezes ao mesmo rio” (BORGES, 1979/2011, p. 21) – surge do assombro causado pelo encontro, que assevera a transitoriedade inexorável da essência humana. Em um texto mais tardio publicado postumamente, Borges (1995/2010) desenvolve tal analogia, postulando uma “amizade mais essencial e mais misteriosa” entre o homem e a água: “porque somos feito não de carne e osso, mas de tempo, de fugacidade, cuja metáfora imediata é a água” (p. 97).

É importante destacar que a perplexidade não acomete somente o jovem Borges. O septuagenário também se angustia diante da versão de si que um dia ele foi e que não é mais. O encontro consigo mesmo mais jovem o confronta com a proximidade concreta da morte, com as transformações que vivenciou, com os vínculos e investimentos abandonados e com o projeto ainda inconcluso, segundo a sua própria avaliação, de constituir um legado literário (BORGES, 1975/2009, 1982/1917).

Tomam-se aqui as mudanças e adaptações pelas quais passou o escritor já velho como o resultado de um trabalho de reordenamento das memórias, vivências pessoais, laços sociais e da apreensão identitária de si. Tais mudanças são produtoras de saúde, uma vez que preparam o indivíduo para os desafios que se impõem na velhice. No entanto, elas também acarretam rupturas e, com isso, o confronto com possibilidades não concretizadas ou realizadas.

Daí as perguntas: o que se mantém e que permite o reconhecimento entre os dois Borges? O que se modificou e que é fonte de estranhamento e assombro?

A esse respeito, Mucida (2007), ao sustentar que o sujeito não envelhece, afirma: “O velho é sempre o outro no qual não nos reconhecemos” (MUCIDA, 2007, p. 16). A autora defende que a velhice se tornou um mal-estar na cultura na atualidade, reconhecendo nesse estigma social os efeitos de um processo de denegação (*Verleugnung*) do envelhecimento (FREUD, 1927/1997), como um desdobramento do complexo de castração. No entanto, em contraste com o envelhecimento do corpo e das perdas reais que se acumulam no decorrer da vida, para a Psicanálise, o Sujeito do Inconsciente não envelhece, uma vez que a sua matéria é efêmera e transitória: o gozo que se esvai, mas que inevitavelmente preserva um resto de insatisfação, e a diferença entre os significantes organizados em cadeia, que relançam infinitamente para o futuro a possibilidade de se chegar a uma significação definitiva e derradeira (LACAN, 1964/1998).

Cabe assinalar que tal afirmação não constitui mais uma forma de repúdio ao envelhecimento. Ao invés disso, trata-se do reconhecimento de que o ser do Sujeito é transitório, que sua essência mais íntima está assentada em uma falta (LACAN, 1964/1998) e que tal falta está fadada a se atualizar e se ressignificar constantemente em todas as fases da vida.

No ensaio *A flor de Coleridge*, Borges (1952/2007) reflete a respeito do recurso ficcional criado pelo escritor inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), um dos precursores do Romantismo na literatura inglesa, autor de livros tais como *A balada do velho marinheiro* e *Kubla Khan*. No ensaio referido, Borges discute o estatuto de uma flor imaginada pelo escritor inglês na condição de um elo material entre o passado e o futuro, o sonho e a realidade, as contingências atuais e as potências latentes ainda não concretizadas. Entende-se que essa figura literária pode ser tomada como expressão da tese de Mucida de que o Sujeito não envelhece: a flor constitui uma figuração de um devir que deixa rastros e que aponta para o envelhecer como uma potência criativa.

Tal como a flor do poeta inglês, no conto *O outro* (BORGES, 1975/2009) a nota de dólar e as moedas de prata manifestam a mesma função. Tais objetos causam estranhamento e assombro em ambos os Borges que são confrontados com a possibilidade do encontro onírico ter sido real. Ressalta-se aqui o tempo verbal do futuro do pretérito, que reforça o efeito de significação retroativa (*nachträglich*) de uma experiência radical e pungente que se decanta e que é elaborada pouco a pouco para além do tempo cronológico do acontecimento (FREUD, 1900/1997; RABÊLO, 2011). Destarte, o assombro causado reverbera não só no momento do encontro, ressoando para além dele, no cotidiano dos dois Borges.

Dessa forma, antes de se despedirem, os protagonistas combinam o reencontro para o dia seguinte, como uma tentativa vã de apaziguamento e domínio do assombro pela via da repetição: “o sobrenatural, se acontece duas vezes, deixa de ser aterrorador” (BORGES, 1975/2009, p. 14). No entanto, ambos sabiam de antemão que tal tentativa estava fracassada. Assim, é possível ler: “No dia seguinte não fui. O outro tampouco terá ido” (BORGES, 1975/2009, p. 14).

Entende-se que tal encontro é um evento singular que produz um corte na linha cronológica do tempo, na medida em que une dois momentos distantes de uma mesma vida em um instante onírico evanescente que, no entanto, deixa rastros, promovendo uma experiência estética.

Constata-se daí que o envelhecimento é um processo multifacetado e complexo, que incessantemente desacomoda o indivíduo da ideia de estabilidade e identidade, e que produz assombro e inseguranças, mas também fundamenta a possibilidade para o desenvolvimento de diferentes formas de ser no mundo. Muda-se a pele, o cabelo, os vínculos, os anseios, as rotinas, assimilam-se as perdas, mesmo que de modo incompleto, mas o suficiente para se continuar vivendo e, eventualmente, amar novamente. Tudo isso exige a criação de uma nova forma de existir, diferente daquela com a qual se está acostumado.

Como já salientado, no conto, a estranheza permeia o encontro entre os Borges. Tal estranheza, não é motivada apenas pela aparência, uma vez que o confronto imediato com a velhice também atualiza de forma súbita a presença inadiável da morte: “Compreendi que, para um rapaz que nem completara vinte anos, um homem de mais de setenta era quase um morto” (BORGES, 1975/2009, p. 12). Verifica-se daí que reconhecer subjetivamente a passagem do tempo implica necessariamente consentir com uma perda narcísica, daí a tendência a associar o envelhecimento a um processo de perda, destituído da possibilidade de criação e fruição. A denegação (*Verleugnung*) (FREUD, 1927/1997) da própria finitude se apoia então na projeção dos efeitos do envelhecimento no outro próximo, que se torna então um avatar dos traços alijados da própria subjetividade que retornam do exterior como pura estranheza. Por isso, o estigma encarnado pela velhice na sociedade contemporânea, que reforça insistentemente o culto à beleza e à juventude.

Em *O sonho de Coleridge*, Borges (1952/2007) descreve o sonho como um elo temporal entre diferentes momentos cronológicos e históricos. Trata-se, na verdade, de um recurso ficcional que promove uma conexão criativa entre o real, o simbólico e o imaginário, entre o Eu e o não Eu. Se, para a Psicanálise, o sonho é realização de desejos inconscientes sexuais infantis recalcados

(FREUD, 1900/2019), em Borges ele é tratado como um elo entre diferentes épocas, pessoas e contextos que se foram, mas que compõem a nossa subjetividade. Assim, é possível ler em *Atlas* (BORGES, 1995/2010), um livro de relatos curtos, já próximo da morte, que retoma e atualiza as pequenas fruições da vida: “Nunca sonho com o presente e sim com uma Buenos Aires pretérita e com as galerias e claraboias da Biblioteca Nacional da rua México” (p. 79).

No conto *25 de Agosto de 1983*, Borges (1982/2017) reedita o mote do encontro consigo mesmo, desta vez com 61 e 84 anos. Pontua-se que agora o encontro não mais une o jovem e o velho, mas duas versões idosas do escritor: uma que adentra na velhice e outra que se prepara para a morte. Nesse novo reencontro, que também acontece durante um sonho, o autor confessa para o seu outro Eu o plano de recorrer ao suicídio como forma de interromper o suplício ocasionado por um câncer e que degradava de forma progressiva e inarredável a sua qualidade de vida.

Sabemos por meio de seus biógrafos (WILLIAMSON, 2011; WOODALL, 1999) que Borges não optou por esse caminho. No entanto, para o autor, o suicídio remete a um dilema ético radical, uma escolha que permeia de modo transversal a existência humana: “Os estoicos ensinam que não devemos queixar-nos da vida; a porta da prisão está aberta. Sempre entendi assim, mas a preguiça e a covardia me retiveram” (BORGES, 1982/2017, p. 70). A percepção da iminência da morte – “posso morrer a qualquer momento” (p. 66) – reatualiza essa questão mais fundamental.

Ao longo do texto, é tecida uma atmosfera de despedida. O trecho “Para mim já nada me resta” (BORGES, 1982/2017, p. 41) remete, para além da doença, a uma insatisfação premente do octogenário que se assenta no reconhecimento do fato de não ter escrito um grande livro, desafio que considera o grande objetivo da sua vida inteira, e da impossibilidade de concretizar esse anseio. Além do assentimento das perdas ocasionadas pelo câncer e do caráter irrealizável de seus projetos literários, emergem na fala do protagonista um esforço de elaboração de temas como a solidão e do temor da morte: a sua própria e a das pessoas próximas.

Freud em *Um distúrbio de memória na acrópole* (FREUD, 1937/1997) discute sobre uma experiência de desrealização e a despersonalização a partir da percepção súbita da concretização de um anseio da juventude, qual seja, a visita às ruínas do referido monumento grego. É possível fazer um paralelo entre o relato de Freud com o de Borges no conto *O Outro*, na medida em que o sentimento de estranheza e inquietação nos dois casos aponta para uma dissociação narcísica entre o devir do Sujeito em transformação e o modo como o

indivíduo se percebe e se constitui como uma identidade para si e para os outros em um dado momento.

Em *Borges e Eu* (1960/2008) é possível verificar o tema da disjunção entre dois Borges de outra perspectiva: como uma celebridade literária e como uma pessoa comum, que possui desejos e insatisfações no aqui e agora. Esse artifício do duplo é acompanhado pelo sentimento de incongruência que decorre da percepção da forma reverente como é percebido e tratado pelos seus leitores e da maneira como realmente se sente. Borges verifica no modo de endereçamento de seus leitores os efeitos de uma imagem mental idealizada e introjetada que é aparentemente estática, rígida e eterna e que contrasta radicalmente com o homem de carne e osso que ele se tornou. Tal incongruência, para Borges, se atualiza na relação do indivíduo com a sua imagem especular. Para o autor, o espelho, antes de propiciar o acesso a uma essência de si, instaura um hiato, uma especulação circular que promove assombro, uma vez que o lugar da imagem própria refletida é a linguagem (SCHWARTZ, 2017). Assim, a apreensão subjetiva da imagem de si é inexoravelmente fugidia e enigmática. Ela não ocorre de forma imediata, fundamentando-se e se atualizando na relação com o Outro, o que exige um esforço contínuo de elaboração e asserção subjetiva (LACAN, 1949/1998).

Encerramos esse tópico com um pensamento formulado por Borges (1960/2008): “Spinoza entendeu que todas as coisas querem perseverar em seu ser; a pedra eternamente quer ser pedra e o tigre um tigre. Eu permanecerei em Borges, não em mim (se é que sou alguém)” (p. 54).

Depreende-se dessa citação uma não identidade entre o que eu sou no meu devir mais íntimo – naquilo persevera em mim como uma falta-a-ser (LACAN, 1964/1998) – e as identidades e representações que eu faço de mim, para mim e para os outros, nas quais busco reconhecimento.

A perda da visão e a inventividade do esquecimento

Como mencionado, a velhice é frequentemente associada a perdas, limitações e ao decréscimo da capacidade de fruição. As mudanças corporais, especialmente, são um exemplo paradigmático do que é negativamente acentuado nessa fase da vida, em especial as que envolvem funções como o deslocamento, a sexualidade, a audição e, como é problematizado neste capítulo, a visão.

Verifica-se que os distúrbios oftalmológicos são patologias bastante recorrentes em idosos que impactam diretamente na dinâmica social, afetiva e labo-

rativa (BRAVO FILHO *et al.*, 2012). As repercussões da visão no psiquismo constituem um tema recorrente na psicanálise, sobretudo quando se consideram as concepções freudianas de narcisismo, Eu e pulsão (FREUD, 1914/1997a, 1915/1997, 1923/1997), e a teorização lacaniana do estágio do espelho (LACAN, 1949/1998). Tais conceitos mostram a importância da visão como um sentido de grande importância para a constituição subjetiva e para a vida libidinal.

Dito isso, propõe-se comentar a discussão da cegueira em Borges como um testemunho da elaboração das perdas corporais e da construção de novas formas de ser, produzir criativamente e interagir socialmente (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2021).

Borges foi acometido por uma cegueira gradual e progressiva a partir dos 55 anos (WILLIAMSON, 2011; WOODALL, 1999). Desde então, foi se tornando mais dependente da ajuda de terceiros para ler e escrever. Não obstante, esse obstáculo não o impediu de continuar trabalhando. Junto aos seus alunos, investigou a obra de diversos escritores e redigiu de forma ditada um vasto número de poemas e ensaios. Além disso, auxiliado por sua companheira, assistente e, no final da vida, esposa, María Kodama, Borges viajou o mundo em uma intensa agenda de conferências e aulas.

Ao se debruçar sobre o universo da visão no ensaio *A cegueira* (1979/2011), Borges faz um apanhado de vários escritores que foram acometidos por tal condição. No texto, o autor evidencia o fato de que a perda da visão não os limitou no exercício da criação literária. Daí, no rol dos escritores cegos, ele inclui a si próprio para então afirmar: “já que perdi o querido mundo das aparências, preciso criar outra coisa: preciso criar o futuro, aquele que vem depois do mundo visível que, na realidade, perdi” (BORGES, 1979/2011, p. 132).

A perda retratada nesta citação remete a um processo de luto que incide sobre um objeto amado do qual o Sujeito teve que abdicar mesmo que a contragosto, de forma relutante. Trata-se aqui não só de uma aptidão corporal e de um ideal narcísico fortemente introjetado e consolidado, mas também de uma via cotidiana e frequente de satisfação. Vale destacar que o trabalho do luto que acomoda a perda da visão opera um amplo redirecionamento dos investimentos da pulsão escópica para outras formas de satisfação. Em um primeiro momento, tal esforço exige uma retração da libido no próprio Eu, que deve ser profundamente transformado para se ajustar ao novo desafio que lhe é imposto (FREUD, 1917/1997). Isso ocorre por meio da incorporação ao Eu de traços do objeto perdido. Esse processo não só é moroso e lento, como também doloroso e impactante, na medida que cobra um alto custo e envolve diferentes esferas da vida, exigindo uma reacomodação global dos investimentos libidinais.

Borges coloca em evidência um sentimento de profunda tristeza e raiva nesse processo de luto no poema *Um cego* (BORGES, 1975/2013a): “Não sei qual é a cara que me mira quando olho minha cara em um espelho; em seu reflexo não sei quem é o velho que me olha com cansada e muda ira” (p. 33).

Em outra passagem do mesmo poema, é possível ler: “Penso que se pudes-se ver-me a cara, saberia quem sou na tarde rara” (BORGES, 1975/2013a, p. 33). Essa reflexão mostra que no processo de luto há uma insistência penosa do Eu em permanecer na mesma via de investimento já assentada, no caso, a satisfação escópica. No entanto, a manutenção dessa economia psíquica traz consigo um sentimento de frustração, a acomodação da libido em outros destinos. Borges, por meio desse trabalho, passa a se adaptar a sua nova condição de escritor a partir de ferramentas que já possuía, mas que se fizeram paulatinamente mais presentes e importantes no seu cotidiano, como é o caso da fala e, principalmente, da memória. Essa realocação da libido, segundo o escritor, segue o caminho inverso do desenvolvimento da literatura, que Borges destaca ter sido oral na sua origem e só posteriormente tornado escrita. Dessa forma, Borges aperfeiçoa o método de ditar, intensifica o uso da recordação, em especial, os trechos preferidos dos livros já lidos, e intensifica reinvenção ficcional criativa da memória.

É possível observar esse sentimento de frustração em outro poema, intitulado *O cego* (BORGES, 1975/2013b), em que o autor faz um paralelo entre infância e velhice e destaca a inquietude diante da perda gradual da visão: “Em vão interrogaram, meus olhos esgotados, a estante vã, a biblioteca sem aventura. O azul e o vermelho são agora como a névoa e duas vozes inúteis. O espelho que miro é uma coisa cinzenta. No jardim eu aspiro, amigos, a obscuridade rosada da treva” (BORGES, 1975/2013b, p.14).

Em *O fazedor* (BORGES, 1960/2008) Borges narra a perda de visão de Homero. Em seus versos, o escritor põe em evidência a forma dolorosa e pungente, mas também lírica, com que o poeta grego vivenciou a incapacidade de ver o mundo: “uma insistente névoa apagou as linhas de sua mão, a noite se despovoou de estrelas, a terra era insegura sob seus pés” (BORGES, 1960/2008, p. 9). Essas figurações do poema exemplificam o sentimento de desamparo que acometeu Borges e que ele projeta em Homero.

Em *O fazedor* (BORGES, 1960/2008), declara: “Nunca se tinha demorado nos prazeres da memória.” (p. 9). Constata-se desse trecho a importância da memória para Borges como um alicerce do ofício do escritor. Por meio da referência a Homero, Borges explora a técnica literária de memorizar dados e informações por meio de rimas e métricas. Assim, escreve: “o rumor das Odis-

seias e Iliadas que era seu destino cantar e deixar ressoando concavamente na memória humana” (p. 10).

Logo, a partir da cegueira, ocorre o desenvolvimento de uma nova forma de escrever e ler que valoriza a oralidade e que faz o autor refletir a respeito do seu ofício, colocando em evidência outros escritores que compartilhavam da mesma condição. A perda da visão faz então florescer a acuidade de outros sentidos e recursos subjetivos, ainda que ao custo do sofrimento mobilizado pelo trabalho do luto. O exemplo de Borges traz à discussão as possíveis reinvenções que o Sujeito do inconsciente pode experimentar no contexto das mudanças agenciadas no luto, que potencializa os recursos psíquicos, possibilitando a ressignificação de vivências e a produção de saúde mental.

A memória, tema de destaque para Freud desde a pré-história da psicanálise e estratégico para a explicação do funcionamento do aparelho psíquico psicanalítico no decorrer de toda a sua obra, também constitui um elemento de destaque nos contos, ensaios e poesia de Borges, que se dedicou reiteradamente ao debate das nuances da recordação e do esquecimento.

Para ambos, Freud e Borges, o esquecimento não caracteriza uma perda de informação, mas um rearranjo da conjuntura psíquica, por meio da qual o conteúdo elidido retorna por outras vias, como manifestação de um saber subjetivo. Daí que o esquecimento e o equívoco constituem uma condição de produção de um dizer estético. Vale destacar ainda que os dois autores ressaltam reiteradamente em seus trabalhos o caráter maleável e plástico da memória.

É possível dizer que tanto Freud como Borges apostam na capacidade de conservação das informações em situações não patológicas mesmo em idades avançadas, malgrado as transformações e rearranjos que se processam durante a vida. Esses apontamentos são importantes, haja vista que frequentemente, de forma errônea e compulsória, a terceira idade é relacionada à demência e aos transtornos de memória. Acredita-se que o envelhecimento, ainda que traga consigo mudanças cognitivas substanciais, não elide o potencial singular de recordar, criar e reinventar as lembranças.

Do exposto, cabe apresentar, ainda que de forma sumária, como o tema da memória se apresenta para a Psicanálise.

Após situar a palavra (*Wort*) como fundamento material e causa eficiente de toda forma de tratamento psíquico (FREUD, 1890/1997), Freud se dedica em sua *Monografia sobre as afasias* à investigação das perturbações patológicas da fala. Ao final desse texto, apresenta o esquema de um aparelho de fala (FREUD, 1891/2001), que pode ser tomado como precursor do modelo de aparelho psíquico psicanalítico.

Já nesse momento, Freud (1891/2001) situa a representação como um constructo heterogêneo e elaborado que congrega diferentes traços mnêmicos. Inicialmente, reconhece a influência dos estímulos provenientes dos órgãos perceptivos (visão, audição, sensações proprioceptivas, cinestésicas etc.) na formação dessas representações. No entanto, a partir da comparação dos diferentes tipos de afasia (Motora, de condução e de processamento), Freud reconhece que as representações são sempre mediadas, isto é, elas não se constituem como um decalque instantâneo das percepções. Faz-se necessária a intervenção de uma organização de natureza distinta às impressões perceptivas que possibilite a formação de complexos representacionais e a conexão entre eles. Daí a proposta de decompor cada representação em – dois núcleos: a representação da coisa (*Sachevorstellung*) e a representação de palavra (*Wortsvorstellung*).

Outro passo significativo na direção de composição de aparelho psíquico de memória ocorre em 1895, quando redige o *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895/1962), que também pode ser traduzido por rascunho ou esboço (*Entwurf*). Aqui Freud esboça um modelo de aparelho psíquico como forma de aperfeiçoar uma direção clínica para o tratamento das chamadas doenças nervosas.

Tal aparelho é descrito como um mecanismo complexo e estratificado, constituído por uma rede de neurônios organizados em grupos, cada qual com qualidades e funções distintas, cuja meta comum é manter a homeostase energética do psiquismo. Tal organização possibilita o estabelecimento de mediações que promovem uma descarga motora concatenada, que é responsável pela modulação de processos cognitivos complexos tais como a rememoração, o julgamento e o pensamento (FREUD, 1895/1962; LAGOAS; CHATELARD, 2019). Daí a distinção de três qualidades de neurônios - $\phi \psi \omega$ -, responsáveis pelas funções da percepção, memória e consciência, respectivamente.

Freud (1895/1962) descreve o sistema de neurônios *Psi* (ψ) – que na primeira tópica será substituído pelo sistema Inconsciente (FREUD, 1900/1997) – como a parte do psiquismo mais apta a se modificar permanentemente e reter traços de memória. Tais registros, por sua vez, ao se formarem, passam a constituir o centro de gravidade do funcionamento do psiquismo, orientando-o em um sentido regressivo e alucinatório, de modo a buscar o prazer e evitar o desprazer.

Não nos adentraremos nos detalhes das descrições do modelo de aparelho psíquico presente nesse texto. É suficiente para o objetivo desta pesquisa destacar que, como consequência das ideias apresentadas, verifica-se que são as oscilações na homeostase psíquica – as vivências de prazer e desprazer – a

ação psíquica responsável pela criação das lembranças inconscientes que se decantam como traços de memórias duradouros. É possível sustentar ainda que, as informações que chegam ao sistema *teta* (ω), cujas qualidades na *Interpretação dos sonhos* passam a ser vinculadas ao sistema Consciente (*Bewusst*), são sucedâneos das memórias do sistema inconsciente.

Outro acréscimo metapsicológico relevante está na *carta* 52. Nela, Freud (1895/1962) aperfeiçoa e enriquece sua concepção de aparelho psíquico, especificando o processo de formação das memórias. Segundo Freud, a memória é constituída e transformada ininterruptamente pela interação de diferentes estamentos ou níveis de registros, cada qual dotado de uma organização e sintaxe próprias. O trânsito de um conteúdo de um estamento para o outro mobiliza um complexo processo que envolve não apenas inscrição (*Niederschrift*) de novos traços perceptivos, mas também outras ações psíquicas como o reordenamento (*Umordnung*), reinscrição (*Umschrift*) e tradução (*Übersetzung*) das memórias, que modificam substancialmente o conteúdo perceptivo original. Freud situa o recalque (*Verdrängung*) como uma ação psíquica que incide na fronteira entre as diferentes camadas, impondo uma distorção do conteúdo com o intuito de evitar o desenvolvimento do desprazer (FREUD, 1896/1962).

Já na *Interpretação dos sonhos*, Freud (1900/1997) enfatiza que grande parte das lembranças são inconscientes e que, mesmo sem um acesso consciente e intencional a tal conteúdo, elas se manifestam por meio de sonhos, sintomas, atos falhos e, sobretudo, no fantasiar (FREUD, 1900/1997). Assim, reconhece uma primazia das lembranças inconscientes na determinação dos processos psíquicos em geral, cujo funcionamento está orientado para a expressão e atualização dos traços mnêmicos incorporados a esse sistema psíquico.

Ele postula então a teoria do recalque, que é apresentado simultaneamente um como um mecanismo de defesa e regulação psíquica. Dessa forma, alguns produtos do Inconsciente são expulsos ou têm sua expressão e desenvolvimento barrados nos sistemas pré-consciente/consciente por gerarem desprazer, haja vista as modificações inseridas na economia e na sintaxe dessas instâncias psíquicas pelo princípio da realidade (processo secundário). Todavia, da perspectiva do Inconsciente, o conteúdo recalcado é conservado por celebrar uma vivência prazerosa, segundo o funcionamento do processo primário (FREUD, 1900/1997).

Em meados da década de 1920, dando continuidade à discussão sobre o estatuto da memória na Psicanálise, Freud (1925/1997) comenta a respeito de um dispositivo chamado bloco mágico. Trata-se um mecanismo de anotação

que é comparado à psique humana. Tal bloco é composto por várias camadas, cada qual composta por um material com propriedades diferentes, que reage de forma específica à ação da escrita. Há na superfície uma lâmina de celuloide, seguida por uma folha de papel e por último, uma prancha de madeira. Assim, a lâmina de celuloide ao ser ferida por um estilete pontiagudo transmite os traços que ela assimila ao papel. Como resultado, o papel recebe uma inscrição pela transmissão de um pigmento contido na celulose. Tal processo, por sua vez, deixa um rastro, ainda que discreto, seja na prancha, seja na folha de celulose. Decorre daí que mesmo com a perda da inscrição na folha de papel, o registro de seu conteúdo permanece, ainda que de modo discreto e menos evidente.

Constata-se daí, no que tange à dinâmica da memória no psiquismo, o reconhecimento de uma relação criativa e interdependente entre apagamento, rememoração e criação, que é explorada em torno da investigação das parâmetros. Freud dedica-se à análise de fenômenos tais como lembranças encobridoras, (FREUD, 1899/1999), atos falhos (FREUD, 1901/1999) e a falsa impressão de já ter visto, vivido ou contado algo que acontece pela primeira vez (FREUD, 1911/1997). Antes de tratá-los como efeito de um déficit ou erro de memória, Freud reconhece nesses fenômenos evidências de manifestações criativas do trabalho do inconsciente.

Vejamos então como Borges aborda o tema da memória e do esquecimento em sua obra para daí tecer algumas considerações sobre a velhice e a psicanálise.

No conto “Funes, o memorioso”, Borges narra a história de Irineu Funes, um homem que não possui a capacidade de esquecer. O fato de que sua memória não descarta as lembranças, mesmo os detalhes mais insignificantes, acarreta a incapacidade de pensar: “Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair.” (BORGES, 1949/2008, p. 116-117).

Assim, como comenta Durlo (2018), a mente de Funes se exila na própria subjetividade para desempenhar o papel de um grande registro mecânico, quase inumano: “Funes, mencionado por algumas excentricidades como a de não dar-se com ninguém e de saber sempre a hora, como um relógio” (BORGES, 1949/2008, p. 110). A analogia com o relógio indica o caráter compulsório e desmedido da memória de Funes. Suas lembranças são constantemente conscientes, atuais e presentes, ocasionando um estado de paralisia.

Depreende-se daí que a modulação do esquecimento e do Inconsciente é condição para o pensar criativo e a criação estética. Na fala do personagem, é

possível ler: “Mais recordações tenho eu sozinho que as tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo (...) Minha memória é como um despejador de lixos” (BORGES, 1949/2008, p. 116). Na ausência da regulação do esquecimento, o turbilhão instantâneo e incessante de lembranças sacrifica-lhe o descanso e o sono, como retratado no trecho: “Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo” (BORGES, 1949/2008, p. 116).

Ainda a respeito da relação entre memória e criatividade, Borges redige uma fábula em torno do legado do célebre escritor William Shakespeare (1564-1616), poeta e dramaturgo inglês, ícone da escrita criativa, que produziu obras como *Hamlet* e *Romeu e Julieta*. No texto *A memória de Shakespeare*, Borges (1982/2017) narra a história de Hermann Soergel, um soldado da Segunda Guerra, que na trincheira de batalha recebe de um colega moribundo as lembranças de Shakespeare. Doravante, passa a conviver com as suas próprias memórias e as do poeta inglês. O que inicialmente aparentava ser uma dádiva, revela-se com o tempo uma maldição: “À medida que transcorrem os anos, todo homem é obrigado a suportar o crescente peso de sua memória. Duas me angustiavam, confundindo-se às vezes: a minha e a do outro, incomunicável (BORGES, 1982/2017, p. 98). Por conseguinte, Borges põe em perspectiva a necessidade de modular, selecionar e associar as lembranças como condição para uma criação estética.

Não basta possuir as memórias de Shakespeare para usufruir de seu talento criativo. A memória do escritor inglês se manifesta para Hermann como um grande emaranhado de informações confusas e obscuras: “Tal como a nossa, a memória de Shakespeare incluía zonas, grandes zonas de sombra repelidas voluntariamente por ele” (BORGES, 1982/2017, p. 96). Em outro trecho, afirma: “Na primeira etapa da aventura senti a felicidade de ser Shakespeare; na última, a opressão e o terror” (BORGES, 1982/2017, p. 97).

É notório como a experiência de rememorar, reviver, transformar e esquecer o passado pode assumir diferentes tons para cada indivíduo, sendo, portanto, condição para o usufruto do presente. Tanto Funes com Hermann representam um paradoxo que toca em um problema clínico caro a Freud: em todas as fases da vida, o ato de esquecer e de lembrar se mostram fundamentais para a manutenção da saúde mental. Assim, Borges põe em evidência uma dimensão criativa e reguladora do esquecimento, que condiciona e prepara a seletividade do ato de recordar e se manifesta como condição de produção de saúde.

Assim, mesmo à sombra da cegueira e do desamparo, aos 71 anos, Borges (2009) descreve a velhice como “os anos da plenitude” (p. 75): “De algum

modo, sinto a juventude mais próxima de mim hoje do que quando era um homem jovem. Não considero a felicidade inatingível, como eu acreditava tempos atrás. Agora sei que pode acontecer a qualquer momento, mas nunca se deve procurá-la” (p. 83).

Assim, pouco antes de falecer, após relembrar seus pais, avós e antepassados e se perfilar na lista dos que já partiram e que deixaram o legado de sua vida aos seus descendentes, Borges (2010) escreve: “Eu não estarei aqui, serei parte do olvido que é a tênue substância que feito o universo” (p. 127).

Vale destacar que para Borges (o verdadeiramente aterrador é a imortalidade e não a morte). Para o escritor, a única forma que lhe é permitida de se obter a imortalidade é por meio do legado de seus livros.

Considerações finais

A discussão a respeito da velhice é um tema recente e cada vez mais debatido no contexto das políticas públicas, especialmente no campo da saúde. Ao problematizar a velhice a partir do viés psicanalítico e da literatura, à luz dos legados de Borges e Freud, foi possível verificar como a obra dos dois autores evidenciam ideias que são cruciais na problematização da produção de saúde na velhice, a saber: o apaziguamento com a estranheza e a efemeridade das imagens de si internalizadas ao longo da vida, o luto das perdas corporais como um trabalho produtor de novos potenciais e uma concepção de memória como um trabalho criativo, no qual o esquecimento se mostra tão importante como a manutenção e o resgate dos registros psíquicos. Na interlocução com os dois autores, verificou-se que o tempo do sujeito do Inconsciente não é o cronológico e que, mesmo na velhice, há desejo e possibilidade de promoção e manutenção da saúde psíquica.

No primeiro tópico, com Lacan e Mucida, verificou-se como a ideia de uma identidade estável e estanque é correlata à visão distorcida da velhice, tomada como uma época marcada exclusivamente por perdas, pela imobilidade e pelo ostracismo. Percebeu-se como tal concepção está relacionada a um ideal cultural de beleza, consumo e satisfação imediata, que valoriza a juventude em detrimento de outras etapas da vida. Daí que, ao se adotar uma atitude de receptividade aos conteúdos psíquicos que se apresentam como estranhos e inquietantes, produz-se uma potência que promove a maleabilidade psíquica e aceitação de um devir criativo. A partir dos apontamentos borgeanos analisados neste tópico, foi possível perceber como a aceitação da própria efemerida-

de e da própria estranheza está intrinsecamente relacionada à forma como a velhice é vivida. A abordagem da psicanálise a respeito do envelhecimento assevera que o Sujeito está em constante transformação e que, à medida que o tempo flui e as mudanças corporais aparecem, é possível identificar na velhice uma fase que comporta possibilidades reais de promoção de saúde psíquica e bem-estar. Mas, para isso, faz-se necessário se reinventar e se desprender de determinados valores, investimentos, hábitos e predileções.

No segundo tópico, buscou-se dar continuidade à discussão sobre a velhice, focando nas adaptações psíquicas frente às perdas corporais, em especial, a visão. O resgate dos apontamentos borgeanos acerca da cegueira à luz da teoria freudiana do luto mostrou-se um recurso bastante profícuo na avaliação crítica das respostas subjetivas às perdas envolvidos na velhice. Enfatizou-se que apesar de o luto mobilizar uma cota substancial de dor, o atravessamento dessa dor traz consigo o desafio de criar o novo, de se reinventar.

No terceiro tópico, ao se debruçar a respeito da memória, salientou-se que o ato de esquecer é algo que deve ser tão valorizado como a acuidade em recordar. Daí que tanto os textos de Borges como os de Freud debatem de forma clara e lúcida a importância de não se vincular a velhice inevitavelmente às demências, destacando o potencial de criação e fruição dessa etapa da vida.

Assim, de uma forma realista, a velhice pode ser considerada uma idade de plenitude e de felicidade.

Tramitação

Recebido 12/03/2024

Aprovado 19/05/2025

Referências

ANDRADE, M. A. R. Estigma e velhice: ensaios sobre a manipulação da idade deteriorada. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 14, n. 1, p. 79-97, 2011. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2011v14i1p79-97>.

ÁVILA, A. H.; GUERRA, M.; MENESES, M. P. R. Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da autoimagem na velhice. *Pensamento Psicológico*, v. 3, n. 80, p. 7-18, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/801/80130802.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

BORGES, J. L. (1944). *Ficções*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

- _____. (1949). *O Aleph*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.
- _____. (1952). *Outras inquisições*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.
- _____. (1960). *O fazedor*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.
- _____. (1969). Elogio da sombra. In: _____. *Elogio da sombra/Perfis: um ensaio autobiográfico*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1971. p. 1-62.
- _____. (1970). *Um ensaio autobiográfico*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.
- _____. (1975). *O livro de areia*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.
- _____. (1975). Uno ciego / Um cego. In: CAMPOS, A. de. (Org. e trad.). *Quase Borges. 20 transpoemas e uma entrevista*. São Paulo: Terracota, 2013a.
- _____. (1975). El ciego / O cego. In: CAMPOS, A. de. (Org. e trad.). *Quase Borges. 20 transpoemas e uma entrevista*. São Paulo: Terracota, 2013b.
- _____. (1979). *Borges oral e Sete Noites*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.
- _____. (1982) *Nove ensaios dantescos & A memória de Shakespeare*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.
- _____. (1995) *Atlas: Jorge Luis Borges com María Kodama*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.
- BRAVO FILHO, V. T. F *et al.* Impacto do déficit visual na qualidade de vida em idosos usuários do sistema único de saúde vivendo no sertão de Pernambuco. *Arquivos Brasileiros De Oftalmologia*. v. 75, n. 3, p. 161-165, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0004-27492012000300002>.
- DURLO, C. H. A memória e o esquecimento no Conto “Funes, O Memorioso”, de Jorge Luis Borges. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 1, p. 66-77, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/cadernosletras.v18n1p66-77>.
- FIN, T. C.; PORTELLA, M. R.; SCORTEGAGNA, S. A. Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre as mulheres. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 20, n. 1, p. 74-84, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.150096>.
- FREUD, S. (1890). Psychische behandlung (Seelenbehandlung). In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt, a. M.: S. Fischer, 1997. v. *Ergänzungsband*, p. 13-37.
- _____. (1891). Zur Auffassung der Aphasien. Frankfurt a. M.: Fischer Taschenbuch Verlag, 2001.
- _____. (1895). Entwurf einer Psychologie. In: FREUD, S. *Aus den Anfängen der*

Psychoanalyse (1887-1902): Briefe an Wilhelm Fliess. Frankfurt a.M.: S. Fischer, 1962. p. 297-384.

_____. (1896). Briefe 54. In: FREUD, S. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse (1887-1902)*: Briefe an Wilhelm Fliess. Frankfurt a.M.: S. Fischer, 1962.

_____. (1899). Über Deckerinnerungen. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. v. I, pp. 529-555.

_____. (1900). Die Traumdeutung. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: S. Fischer, 1997. v. II.

_____. (1901). Zur Psychopathologie des Alltagslebens. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. v. IV.

_____. (1911). Formulierung über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: S. Fischer, 1997. v. III, p. 13-24.

_____. (1914). Zur Einführung des Narzissmus. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt, a. M.: S. Fischer, 1997a. Vol. III, p. 37-68.

_____. (1914). Über fausse recoinnaissance (dejà raconté) während der psychoanalytische Arbeit. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt, a. M.: S. Fischer, 1997b. v. Ergänzungsband, p. 231-238.

_____. (1915) Die Metapsychologische Schriften von 1915: Triebe und Tribschicksale. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt, a. M.: S. Fischer, 1997. v. III, p. 75-102.

_____. (1916). Vergänglichkeit. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: S. Fischer, 1997. v. X, p. 223-228.

_____. (1917). Trauer und Melancholie. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: Fischer Verlag, 1997. v. III, p. 193-212.

_____. (1919). Das Unheimliche. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: Fischer Verlag, 1997. v. IV, p. 241-274.

_____. (1923). Das Ich und das Es. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: Fischer Verlag, 1997j. v. III, p. 241-274.

_____. (1925). Notiz über den “Wunderblock”. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: Fischer Verlag, 1997. v. III, p. 363-370.

_____. (1927). Fetischismus. In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: Fischer Verlag, 1997. v. III, p. 379-388.

_____. (1936). Eine Erinnerungsstörung auf der Akropolis (Brief an R. Rolland). In: FREUD, S. *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: S. Fischer, 1997. v. VI, p. 241-274.

- LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do Eu. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998. p. 96-103.
- _____. (1964). *O seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- LAGOAS, J. M.; CHATELARD, D. S. Contribuições para uma Teoria Psicanalítica da Percepção: Da Regressão Alucinatória à Coisa do Desejo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, n. 1, p. 1-12, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772E35432>.
- MONEGAL, E. R. *Borges: uma poética da leitura*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.
- MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.
- _____. *Escrita de uma memória que não se apaga - envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- OLIVEIRA, A. C.; ALMEIDA, R. B. “Gradualmente, o aprazível universo o foi abandonando”: “encegamento” e mediação cultural em “O Fazedor”, de Jorge Luis Borges. *Revista Outra Travessia*, v. 31 n. 1, p. 7-27, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e85121%20>.
- RABÊLO, F. C.; PEREIRA, G. F. Algumas considerações sobre o sujeito e o tempo a partir do conto O outro de Borges. *Revista Mal estar e Subjetividade*. v. 11, n. 3, p. 1055-1082, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011001300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- SCHWARTZ, J. (Org.). *Borges babilônico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- WILLIAMSON, E. *Borges: uma vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- WOODALL, J. *Jorge Luis Borges: o homem no espelho do livro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.